

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**"Patriarcado, Classe e Violência de Gênero: Legado de Heleieth  
Saffioti".**

**KATIA CORONEL DA SILVA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**HISTÓRIA – LICENCIATURA**

**"Patriarcado, Classe e Violência de Gênero: Legado de Heleieth  
Saffioti".**

**KATIA CORONEL DA SILVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul no  
curso de História - Licenciatura, sob a orientação  
do Professor Dr. Aguinaldo Rodrigues Gomes.

## **"Patriarcado, Classe e Violência de Gênero: Legado de Heleieth Saffioti".**

### Resumo

Esse trabalho analisa a contribuição e importância de uma das mais influentes sociólogas feministas marxistas, não só no campo nacional, mas também nas fronteiras internacionais. Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934–2010), cujas obras desafiaram e desafiam as estruturas patriarcais principalmente nas questões de gênero, raças e classe que atravessam gerações em nossa sociedade. Seu trabalho é considerado pioneiro nos estudos de gênero no Brasil. Diante disso, demonstrarei a contribuição de Saffioti e sua compreensão mais aprofundada de como essas estruturas se entrelaçam e perpetuam na exploração e subordinação das mulheres não só no âmbito patriarcal, mas também no mercado de trabalho. A interseccionalidade de suas obras engloba uma perspectiva materialista às questões de gênero, adicionando seu legado teórico na importância fundamental para os estudos feministas e sociológicos oferecendo uma base crítica para as questões contemporâneas sobre a desigualdade e opressão estrutural.

Palavras-chave: classe, patriarcado, gênero, trabalho feminino, interseccionalidade.

### Abstract

This work analyzes the contribution and importance of one of the most influential Marxist feminist sociologists, not only in the national field but also internationally. Heleieth Iara Bongiovani Saffioti (1934–2010), whose works have challenged and continue to challenge patriarchal structures, especially regarding gender, race, and class issues that transcend generations in our society. Her work is considered pioneering in gender studies in Brazil. In light of this, I will demonstrate Saffioti's contribution and her deeper understanding of how these three structures intersect and perpetuate the exploitation and subordination of women, not only in the patriarchal realm but also in the labor market. The intersectionality of her works encompasses a materialist perspective on gender issues, adding her theoretical legacy to the fundamental importance of feminist and sociological studies, providing a critical foundation for contemporary issues of inequality and structural oppression.

Keywords: class, patriarchy, gender, women's labor, intersectionality

## **Introdução**

### **Da experiência de vida à análise da opressão feminina no capitalismo.**

Heleieth Iara Bongiovani Saffioti, uma das mais notáveis intelectuais do movimento feminista brasileiro, nasceu em 4 de janeiro de 1934, na cidade de Ibirá, São Paulo. Em uma entrevista publicada pela Revista Estudos Feministas, Saffioti descreve sua trajetória de vida. Desde cedo, a infância e a adolescência de Saffioti foram vividas no interior do Brasil, onde inegavelmente a influência da cultura patriarcal era mais predominante, o ambiente familiar incutiu nela valores da educação, pois desde nova seus pais preocupados com sua educação fez com que ela deslocasse para outras cidades para melhores oportunidades, com quase 13 anos já morando com os tios para poder estudar, e posteriormente se mudando para São Paulo foi se adequando às etapas de estudos escolares, assim obteve experiência e observações por ser uma menina praticamente autônoma em suas convicções. Em suas próprias palavras: "Nunca identifiquei um momento, em minha vida, no qual eu pudesse dizer: 'foi nesse, especificamente, que me tornei feminista'. Desde criança, fui muito rebelde" (SAFFIOTI, 2011, p.143)

Durante o dia dedicava-se aos afazeres domésticos onde morava com tias solteiras e anoite estudava. Em sua trajetória ginasial utilizava-se de ônibus e chegava tarde da noite onde muitas das vezes obteve experiências desagradáveis com homens maus intencionados que a assediavam. Tais observações, foram um dos motivos que a incentivou a buscar uma carreira acadêmica dedicada à análise crítica das desigualdades sociais que se converteu em algo que viria a moldar sua trajetória acadêmica e profissional ao longo de seis décadas. Diante da dupla jornada e assédio ela diz: "Eu fazia todo o trabalho da casa, estudava à noite, chegava de volta a casa, sozinha, após a meia noite. [...] Era um 'assédio sexual' bastante ameaçador para quem enfrentava, pela primeira vez, a grande cidade" (SAFFIOTI, 2011, p. 144)

Estudante no Instituto de Educação "Caetano de Campos" (uma escola pública estadual na cidade de São Paulo fundada no ano de 1846), ela conciliava estudos noturnos com múltiplos empregos como secretária e professora particular. Segundo SAFFIOTI (2011), seu compromisso com a educação e autodisciplina levou-a a trabalhar em diversos lugares simultaneamente, até mesmo ensinando adolescentes

japoneses que tinham dificuldades com o português (p.146). A busca por profissionalização deu impulso para concluir o Curso Normal e o Curso de Aperfeiçoamento para Professores Primários, sempre estudando e trabalhando intensamente. Foi premiada com uma cadeira-prêmio, garantindo-lhe uma posição de destaque entre os normalistas. Posteriormente, ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ela diz: (...) “Prestei vestibular na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, no início de 1956”. Mesmo descrevendo e se sentindo em atraso de apenas alguns anos devido a obrigações familiares e profissionais, Heleieth destacou-se como uma das melhores alunas do curso de Ciências Sociais. Como ela mesma vai dizer:

“Retomando minha entrada na USP, como perdi três anos, em Auriflana, e mais o ano de 1955, esperando minha nomeação, entrei na Faculdade com 22 anos. Comecei o curso de Ciências Sociais, em 1956, junto com Eva Blay, com Carmuti e tantos outros. [...] Entrei na Faculdade com quatro anos de atraso. E eu sabia que precisava me profissionalizar rapidamente, porque minha família precisava de minha contribuição” (SAFFIOTI 2011, p. 148).

Em 1956 casou-se com Waldemar Saffioti professor e autor de livros didáticos, obteve a experiência de estudar nos Estados Unidos, onde também aprimorou seus conhecimentos em inglês e criminologia. Saffiotti reitera:

“Como havia saído sua bolsa para estudar energia nuclear nos Estados Unidos, pedime em casamento. No dia seguinte, ele teria que preencher um formulário para viajar, dizendo se ia solteiro ou casado, já que o valor da bolsa variava em função desse dado. Passei a noite toda pensando: caso ou não caso? Consultei um tio, que me disse: “seus pais já viveram a vida deles, viva a sua!”. No dia : seguinte, eu disse: “mamãe, vou me casar”. Casei sem plano : algum, sem enxoval algum, não tinha sequer um pano de prato, pois sempre dizia que não me casaria. Casei-me e, após quatro dias no Rio de Janeiro, viajamos para os Estados Unidos”. (SAFFIOTI, 2011, P 148)

Segundo Saffioti (2011). Aos 33 anos ela concluiu sua graduação, já de volta ao Brasil iniciou uma carreira acadêmica de sucesso, tornando-se livre-docente em Sociologia na Universidade Estadual Paulista (UNESP). (p. 149)

A década de 1960 foi um tanto desafiador, pois, encontrava-se em um espaço e tempo de repressão política em plena ditadura militar, época em que o regime fez com

que muitos intelectuais se exilassem, no entanto, Saffioti conseguiu continuar com suas pesquisas e produções acadêmicas, consolidando sua posição através de uma rede sólida de contatos e parcerias internacionais. “Ademais, esta mulher era (e é) marxista, e o Brasil, a partir do golpe militar de 01.04.1964, vivia sob um regime ditatorial, em certos períodos, terrivelmente sanguinário. (SAFFIOTI, 2011, p.150). A persistência em continuar pesquisando e publicando durante tempos tão adversos demonstrou não só sua coragem, mas também seu comprometimento com o fortalecimento do feminismo no Brasil.

Após vários desafios dessa época conturbada, um marco importante, mais precisamente no ano de 1966, quando defendeu sua tese com o título "*A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade*", uma das primeiras obras e muito importante para explorar o feminismo no Brasil através da lente do materialismo histórico. Esta obra seminal proporcionou uma nova perspectiva sobre a questão das mulheres no Brasil, integrando questões de gênero, raça e classe social, trazendo uma nova visão sobre as opressões estruturais que afetam as mulheres nas sociedades capitalistas. A originalidade e a profundidade de seu trabalho impactaram significativamente a academia brasileira, segundo a banca examinadora de sua tese ela conta: (...) “disseram estar muito bem impressionados comigo, porque eu escrevia muito bem”.

A importância de Saffioti foi tão evidente que seus trabalhos transcenderam a nível internacional com participações em congressos internacionais, contribuindo para debates sobre desigualdades de gênero em diversas partes do mundo. Sua habilidade de ligação entre teoria e prática permitiu que ela influenciasse tanto a academia quanto as políticas públicas, promovendo o fortalecimento de suma importância no pensamento feminista e nas estratégias de luta contra a desigualdade. Ela ainda reforça:

“Estudo o tema violência com a finalidade de lançar políticas públicas para as mulheres, oferecendo-as aos governantes, cujos meios para sua implementação estão ao seu alcance. A homenagem que muitas mulheres receberam, dentre elas eu, em julho de 2004, em Brasília, foi exatamente na Conferência de Políticas Públicas para as Mulheres. Logo, não sou apenas teórica, gosto também de pensar nas práticas, (...)” SAFFIOTI, 2011 p156).

Sua dedicação incondicional à causa feminista e à luta contra as opressões de classe, gênero e raça, deixou um legado inspirador e continua a reverberar não só através de suas publicações, mas também nas gerações de pesquisadores e ativistas que

a sucederam, seu falecimento em 2010 deixou um vazio irreparável na academia brasileira e internacional. Entretanto, sua obra continua viva, sendo uma fonte inestimável de conhecimento e reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais contemporâneas.

### **Saffioti e o monstro de duas cabeças: Patriarcado e Capitalismo**

Sabemos o quão é importante retomar e perpetuar o pensamento de Heleieth Saffioti para a contribuição da emancipação das mulheres em relação ao patriarcado, classes, e opressão de gênero. É observável, que nos tempos atuais houve um aumento expressivo no interesse pelo pensamento feminista, impulsionado por uma gama de movimentos sociais feministas de diferentes vertentes (o feminismo negro, feminismo marxista e o feminismo radical, dentre outros); acompanhando o aumento de estudos de autores progressistas que buscam ouvir às vozes e experiências das mulheres e de mais movimentos das “maiorias silenciadas” presentes na sociedade brasileira, esses autores e autoras evidenciam as desigualdades de gênero sob uma perspectiva crítica e baseada em suas vivências. Essas contribuições têm ampliado a compreensão sobre as múltiplas formas de opressão, ajudando a trazer novos olhares para os debates sobre justiça social e equidade.

A trajetória de Saffioti desenvolveu-se em um período de intensas transformações sociais e políticas, tanto no Brasil quanto globalmente. A sociedade brasileira, durante seu início de carreira, enfrentava mudanças estruturais, em meio a um cenário de instabilidade política, as quais culminaram no golpe militar de 1964. Este contexto histórico não só moldou as experiências pessoais de Saffioti como também influenciou suas reflexões teóricas sobre o feminismo, a luta de classes e as questões raciais. Nas décadas entre 1960 e 1980, Saffioti dedicava-se ao estudo do trabalho feminino na sociedade capitalista tornando-se referência nacional e internacional, quando a condição da mulher brasileira não era tão conhecida e ainda não havia uma base ou arcabouço teórico sobre os feminismos (GONÇALVES, 2011), especialmente quando as discussões feministas ainda não estavam completamente desenvolvidas teoricamente no país. A historiadora Joana Maria Pedro, indica que a disputa em torno da origem do feminismo no Brasil é um campo conflituoso, há diferentes narrativas fundadoras, talvez o único marco aceito parcialmente seria o ano Internacional da

Mulher em 1975 que reascende o feminismo da segunda onda no Brasil, contudo é preciso lembrar várias iniciativas da luta feminista antes desse marco.<sup>1</sup>

Sua obra mais conhecida, "*A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade*" e publicada em 1969, resultante de sua tese de doutorado, é considerada um marco no pensamento feminista brasileiro, colocando as mulheres como sujeitas da história ao articular as dinâmicas entre o capitalismo e a opressão de gênero. A ambição dessa obra trouxe grandes desafios, por ser um tema ainda escasso no Brasil. Seu referencial teórico já estava predeterminado, utilizando-se da dialética marxista como ela própria enfatiza:

(...) a dialética marxista revela-se, deste ângulo, um método de grande valor heurístico, uma vez que possibilita não somente a realização do teste comprobatório das formulações clássicas, sobretudo de Marx, como também a incorporação crítica, através da dialetização de conceitos, de formulações teóricas originadas em distintas concepções da história. (*apud* SAFFIOT, 2013 p.44)

Porém um dos maiores desafios nessa obra foi a interlocução direta com autores para dar suporte a problematização, uma vez que no Brasil essa perspectiva ainda era rara na época. Para além dos desafios, sua obra fora desenvolvida em plena ditadura militar, época que com ironia do destino chegara ao Brasil a primeira edição de *O Capital* de Marx. Como destaca FALQUET et al (2020):

A produção da tese foi tensa, porém nada se comparou ao assédio sofrido antes e durante o momento da defesa. O próprio Conselho Estadual de Educação resolveu, segundo a socióloga, fazer uma guerra contra ela, que se materializou na troca de membros da banca às vésperas do momento final. Houve intensa propaganda gratuita, o que provocou a superlotação da sala de defesa. Muita gente queria ver como a professora comunista se sairia na arguição. A atuação da banca apresentou elevado teor de misoginia e foi abertamente mais rigorosa com ela do que com seus competidores homens. Ainda assim, foi um sucesso. Os conhecimentos teóricos de Saffioti dissuadiram o membro da banca que, sob o aval do Conselho de Educação, estava lá para reprová-la com o argumento de que ela só tinha lido o *Manifesto do Partido Comunista*. Nada poderia ser tão enganoso. A escassez bibliográfica no Brasil não a impediu de ser criativa, nem de ler praticamente tudo que existia à época sobre seu tema de pesquisa. Recebeu a nota máxima pela tese. (FALQUET; MANO, GONÇALVES, 2020, p.02)

---

<sup>1</sup> PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História, v. 26, p. 249-272, 2006.



Ao longo de sua carreira, Saffioti abordou questões centrais para o feminismo, como a violência de gênero, a exploração econômica das mulheres e as hierarquias raciais que atravessam o mercado de trabalho e a sociedade brasileira. Obras como *O poder do macho* (1987) e *Gênero, patriarcado, violência* (2015) aprofundam sua análise das formas pelas quais o patriarcado estrutura a violência e a subordinação das mulheres, Saffioti também empenhou-se aos estudos sobre os diferentes aspectos e compreensão do conceito de violência doméstica, que se estende do início dos anos 1990 até o final do ano de 2010 (ano de sua morte) oferecendo ferramentas teóricas para interpretar as complexas relações de poder que envolvem todas essas questões.

A contribuição de Saffioti serviu como inspiração para a mobilização de movimentos feministas na luta pelos direitos das mulheres, que lutaram e ainda lutam para uma série de garantias fundamentais, como a igualdade entre homens e mulheres, o direito à dignidade, e a proteção contra a discriminação e a violência, ou seja, o trabalho de Saffioti, especialmente suas reflexões sobre a opressão estrutural das mulheres no mercado de trabalho e na sociedade patriarcal, influenciou diretamente o movimento feminista brasileiro, que pressionou pelas diversas conquistas constitucionais. Suas contribuições também inspiraram diversas gerações de pesquisadoras e militantes feministas, que continuam a expandir e atualizar suas teorias, aplicando-as em novos contextos e lutas, como as questões LGBTQIA+, mulheres negras e as discussões contemporâneas sobre interseccionalidade. Entre elas, a autora Renata Gonçalves destaca-se por refletir sobre as relações entre gênero, raça e classe, especialmente no contexto da formação do capitalismo no Brasil e suas implicações para as mulheres negras em suas lutas contra o machismo perpetuado na sociedade. Ela enfatiza discussão da reprodução do machismo de homens negros em relação as mulheres negras ela destaca: “Elas tinham ainda de lidar com o assédio sexual, com a sexualização/objetificação de seus corpos, o que as colocavam como “sombra” de seus companheiros.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> GONÇALVES, R. Trinta anos do I Encontro Nacional de Mulheres Negras: uma articulação de gênero, raça e classe. *Lutas Sociais*, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 09–22, 2019. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46646. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46646>.

A relevância sobre esse tema é evidente na atualidade, pois traz um contexto em que Saffioti aborda como essas estruturas do poder e patriarcado se retroalimentam, oferecendo uma perspectiva crítica essencial para entender a violência de gênero não como algo isolado, mas como resultado de uma relação estrutural e sistêmica da sociedade, e que vai mais além do feminismo, se articulando ao capitalismo, esse enfoque amplia o centro do debate e proporciona uma base sólida para contribuir com os movimentos feministas tanto em suas origens como na atualidade e traz o interesse acadêmicos que buscam entender as raízes mais profundas das desigualdades. Com isso, estudar a obra de Heleieth Saffioti é de extrema importância e se torna fundamental para ajudar em nossas reflexões, críticas e principalmente para as compreensões estruturais da sociedade brasileira até os dias atuais.

### **Qual o conceito de Gênero atrelado a Violência por Saffioti?**

Ao usar o termo "sexo" em sua obra "A mulher na sociedade de classes", Saffioti refere-se às relações sociais estruturadas a partir da diferenciação biológica entre homens e mulheres. Nesse contexto, a ideia de gênero, enquanto conceito analítico, ainda não era formalmente utilizado pela autora naquela obra, sendo incorporado em reflexões posteriores. Ela argumenta que as categorias de "homens" e "mulheres" não são meramente biológicas, mas resultado de processos de socialização que impõem papéis sociais específicos. “O sexo, dessa forma, pertenceu originalmente, apenas à esfera ontológica orgânica. A medida que a vida orgânica ia se tornando mais complexa, ia, simultaneamente surgindo a cultura.” (SAFFIOTI, 2015 p.142).

A principal obra onde ela faz essa transição e aprofunda essa análise é "Gênero, Patriarcado e Violência" (2015), onde o conceito de gênero se torna central para a discussão das relações de poder entre os sexos e a violência simbólica e física que as mulheres enfrentam dentro da estrutura patriarcal. Ela vai explicar que:

“(…) o gênero inscreve-se no plano da história, embora não possa jamais ser visto de forma definitivamente separada do sexo, na medida em que também está inscrito na natureza. Ambos fazem parte desta totalidade aberta, que engloba natureza e ser social”. (...) “ Não seria o gênero exatamente aquela dimensão da cultura por meio da qual o sexo se expressa? Não é precisamente por meio de gênero que o sexo aparece sempre vinculado ao poder? O estupro não é um ato de poder, (...)? Não são todos os abusos sexuais atos de poder?” (SAFFIOTI 2015, p.144)

Como afirma Carneiro (2023), para Saffioti (2015), o conceito de gênero não explicita necessariamente somente desigualdade entre homens e mulheres, bem como o patriarcado não pressupõe somente uma relação de exploração mas sim dando abertura a diversas formas de violência. Assim, estas duas dimensões constituem faces de um mesmo processo de dominação/exploração. A dimensão econômica do patriarcado repousa não apenas na desigualdade salarial, ocupacional e na marginalização dos

papéis econômicos e políticos, mas inclui o controle de sexualidade e a capacidade reprodutiva da mulher. Razão pela qual é importante o uso do termo patriarcado.

Por que manter o nome patriarcado? Sistematizando e sintetizando o acima exposto, porque: 1- não se trata de uma relação privada, mas civil; 2 - dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. (...) 3 - configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade; 4 - tem uma base material; 5 - corporifica-se; 6- representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência (SAFFIOTI, 2015, p. 60)

Heleieth Saffioti argumenta que o conceito de gênero, ao ser inscrito no plano da história e interligado ao sexo, reflete e é simultaneamente determinado pelas relações de poder que dominam a sociedade patriarcal. A violência de gênero, como o estupro e outros abusos sexuais, é vista como uma manifestação explícita do patriarcado, uma vez que esses atos estão sempre conectados ao exercício de poder e controle sobre o corpo feminino construindo a compreensão do patriarcado como uma estrutura de poder complexa, envolvendo uma série de dimensões econômicas, culturais, ideológicas e de violência. A autora ainda reforça a importância do termo patriarcado para entender a totalidade dessa estrutura de opressão, que vai além de uma relação de exploração privada, mas se configura como um sistema hierárquico e civil, permeando todos os aspectos da sociedade, do trabalho à sexualidade e à reprodução enfatizando ainda mais a importância da interseccionalidade entre essas estruturas de poder, raça, classe e violências.

### **A Interseção Entre Patriarcado e Capitalismo na Produção da Violência de Gênero.**

Sob a perspectiva do materialismo histórico e com uma abordagem mais aprofundada sobre o papel das mulheres na sociedade capitalista que perpetua a desigualdade de gênero, Heleieth lança uma das obras mais emblemáticas “*A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*” (1976), trazendo um argumento em que as mulheres são duplamente exploradas, não só na opressão das estruturas patriarcais, mas também pela exploração econômica, mantendo as mulheres em uma subordinação e dependência, ela fala que ao utilizar o trabalho feminino, muitas das vezes não remunerado a sociedade reforça a opressão já vivida e maximiza os lucros do sistema capitalista. Em relação da exploração das mulheres através das estruturas patriarcais e opressão capitalista podemos afirmar que:

“No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contraria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos

justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem que a agregara; no plano estrutural à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizadas das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção.” (SAFFIOTI,2013, p 65,66).

Heleieth Saffioti aborda também a perspectiva socialista para entender a opressão das mulheres nessa sociedade destacando que a exploração das mulheres não pode ser dissociada da estrutura econômica que sustenta o capitalismo, e que a luta das mulheres por emancipação deve se dar dentro de um contexto mais amplo de transformação social, portanto, enquanto o capitalismo existir, a exploração das mulheres como força de trabalho não remunerada será mantida. Ela defende que, para que haja uma real emancipação feminina, é necessário lutar pela transformação das relações sociais e econômicas em sua totalidade, através de uma perspectiva socialista: “Com o socialismo científico, a solução para o problema da mulher passa a ser buscada na destruição total do regime capitalista e na implantação subsequente da sociedade socialista.” (SAFFIOTI, 2013, p.114).

A crítica a essas concepções é o ponto de partida para que Heleieth desenvolva uma análise em que destaca a opressão das mulheres o qual está diretamente ligada à exploração capitalista, que se beneficia do trabalho não remunerado das mulheres no lar e de sua força de trabalho que geralmente é subvalorizada no mercado, para ela não se pode compreender as dinâmicas de classe sem levar em conta as relações de gênero, uma ideia inovadora para a época.

Saffioti argumenta que o mito que é a percepção masculina sobre a mulher, em que ela seria sua concorrente dentro do mercado de trabalho e assim deve continuar em seus afazeres domésticos e a realidade vivida pelas mulheres, faz com que esse mesmo homem não compreenda que toda essa estrutura entrelaçada entre o capitalismo e o patriarcado derivado de uma sociedade tradicional só reforça a marginalização e a desvalorização da contribuição feminina em qualquer lugar aonde essa mulher vai estar e que isso vai prejudica-lo economicamente, contribuindo para a manutenção da exploração do trabalho capitalista de ambos. Como a autora aponta:

“ (...) não percebe que a mulher não ativa economicamente pode significar uma ameaça ao seu emprego enquanto trabalhadora potencial, e que o trabalho não pago que ela desenvolve no lar contribui para a manutenção da força de trabalho tanto masculina

quanto feminina, diminuindo para as empresas capitalistas , o ônus do salário mínimo de subsistência (...)" (SAFFIOTI, 2013 p. 74)

Dito isso a contribuição importante dessa obra é a introdução do conceito de homem-provedor e mulher-dona-de-casa como um modelo perpetuador das desigualdades. Saffioti dissecou este arquétipo, expondo como ele limita as oportunidades de mobilidade social e econômica das mulheres e perpetua um ciclo de dependência econômica e submissão política. A relação entre o trabalho de cuidado muitas vezes e frequentemente não remunerado, e as desigualdades de gênero e uma das argumentações que o trabalho doméstico e de cuidado, majoritariamente realizado por mulheres, é desvalorizado tanto economicamente quanto socialmente, se tornando fundamental para a manutenção da sociedade dentro do sistema capitalista.

Essa temática foi amplamente discutida na redação do ENEM 2023, que trouxe como tema "O desafio de valorizar o trabalho de cuidado no Brasil". O exame destacou a importância de reconhecer e valorizar atividades como cuidar de crianças, idosos e do lar, que são tradicionalmente patriarcais e atribuídas às mulheres e, muitas vezes, realizadas sem qualquer tipo de remuneração ou proteção trabalhista. Para ela, o trabalho de cuidado realizado no ambiente doméstico é central para a reprodução da força de trabalho, mas que ao mesmo tempo permanece invisibilizado e não reconhecido como trabalho legítimo. Essa abordagem conecta a obra de Saffioti desde a época em que escreveu até ao debate contemporâneo, ou seja, ela já denunciava essa questão, reforçando a importância de reconhecer o trabalho de cuidado como uma questão prioritária para a luta através de movimentos feministas com o intuito da igualdade de gênero.

Outro ponto que Heleieth enfatiza, é o apontamento não menos importante e essencial para essa compreensão, que é sobre como que a Igreja Católica, ao longo da história, sempre fez o papel na manutenção de valores conservadores e legitimando a subordinação das mulheres em toda sociedade, por ser uma instituição profundamente ligada ao sistema patriarcal, sempre teve sua contribuição para a perpetuação dessas opressões, reforçando a construção da imposição patriarcal, validando ainda mais a ideia de que as mulheres devem obedecer e se submeter dentro da estrutura familiar e social. Ela critica a visão cristã de que a mulher deve ser vista como mãe e esposa, recatada e do lar, sendo conivente com o modelo de sociedade patriarcal e com a

exploração das mulheres. Além disso, Saffioti reforça que, por sua grande influência em grande parte da população, a Igreja contribui para o aumento dessa submissão, principalmente no que se refere ao trabalho doméstico e ao cuidado da família, sem considerar a desigualdade que há nessa divisão de tarefas, funções essas que são naturalizadas limitando ao seu papel na sociedade. Saffioti (2013, p. 155) analisa que, “A igreja tem, pois, fornecido grandes subsídios à mística feminina. Não permaneceu estranho mesmo aos abonos familiares, cujo objetivo é manter a mulher exclusivamente em suas funções de dona de casa”.

Sobre a evolução da condição da mulher no Brasil, Heleieth Saffioti faz a análise no contexto histórico a respeito da situação das mulheres na sociedade brasileira, as transformações e mudanças ao longo do tempo, demonstrando que a situação das mulheres sempre esteve ligada a esse contexto de estrutura religiosa, patriarcal, profundamente enraizadas no colonialismo, escravidão e no capitalismo dependente e essas estruturas moldaram as relações sociais. O modelo econômico implantado no Brasil colonial, baseado na exploração da monocultura e no trabalho escravo, também consolidou desigualdades de gênero. As mulheres, especialmente as indígenas e negras, foram colocadas em posições duplamente subalternas como força de trabalho explorada e como figuras marginalizadas e sexualizadas. Saffioti (2013, p. 236) (...) “ com efeito, cabia à escrava, além de uma função no sistema produtivo de bens e serviços, um papel sexual, via de uma maior reificação e, simultaneamente, linha condutora do desvendamento do verdadeiro fundamento da sociedade de castas.

Saffioti ainda acrescenta a interseccionalidade entre gênero, raça e classe apontando como a formação econômica do Brasil perpetuou uma hierarquia social que oprime mulheres e homens de maneira distinta, mas interligada, devido a essas contradições Heleieth vai evidenciar a importância de estudar mais a fundo essas questões, diante disso ela diz: “Em outras circunstâncias, será uma outra faceta a tornar-se dominante. Essa modalidade do sujeito múltiplo acompanha a instabilidade dos processos sociais em ebulição”. A autora reforça como as estruturas patriarcais foram reforçadas pelo sistema econômico, criando uma divisão sexual do trabalho que mantém as mulheres em papéis de dependência e subordinação. Ela destaca também, com a industrialização no Brasil, a participação das mulheres no mercado de trabalho cresceu, mas as desigualdades permaneceram, com elas concentradas em empregos precários e mal remunerados, reforçando sua posição marginalizada.

A partir da República, Saffioti discute as transformações sociais, com o movimento sufragista iniciado no final século XIX e começo do século XX, que foi a luta de reivindicação pela participação ativa das mulheres na política, pela luta do direito ao voto e o direito a serem votadas e não diferente também lutaram para o acesso ao mercado de trabalho. Porém, com todos esses avanços legais, Heleieth não deixa de enfatizar que a mulher continuava sendo oprimida por toda essa estrutura do patriarcado e sistema capitalista, fazendo com que as mulheres não tenham o reconhecimento completo de seus direitos.

Nesse mesmo contexto Saffioti fala do processo de urbanização e industrialização que, ao abrir novas possibilidades de trabalho para as mulheres não teve uma mudança significativa, a desigualdade entre os sexos continuava, pois as mulheres passaram a ser integradas ao mercado de trabalho, com salários menores que os dos homens e ainda em um papel de subordinação, continuando com a maior parte das obrigações e responsabilidades com o trabalho doméstico.

No entanto, é importante ressaltar o destaque a importância dos movimentos feministas e de outros movimentos sociais na luta pela transformação dessa condição, reconhecendo o papel da resistência feminina na luta por mudanças, tanto no Brasil quanto internacionalmente que são influenciadas por diversos fatores, incluindo o contexto histórico e econômico, ela também destaca nessa obra a crítica à fragmentação desses movimentos, tendo uma importante observação de que muitas vezes as mulheres das classes mais baixas e as mulheres negras, por exemplo, foram marginalizadas dentro das lutas feministas tradicionais, que eram muitas vezes dominadas por mulheres da classe média branca.

Heleieth Saffioti aborda também a questão da mística feminina na era da ciência, na argumentação de que a psicanálise, nas interpretações clássicas de Freud, vai legitimar o discurso e a estrutura das desigualdades de gênero quando apresenta certos comportamentos e características femininas como inatos ou determinados biologicamente. Ela destaca como esses conceitos como o "complexo de Édipo" (um conjunto de sentimentos e desejos inconscientes que a criança desenvolve em relação aos pais durante uma fase específica de seu desenvolvimento psicosssexual, geralmente entre os 3 e 6 anos de idade) e a "inveja do pênis" (as meninas experimentam um sentimento de inferioridade ou perda ao perceberem que não possuem um pênis).

Segundo Freud, essa percepção leva a menina a desenvolver um desejo inconsciente de "compensação" pela falta do órgão, que ele considerava simbolicamente associado ao poder e ao privilégio na sociedade), apontando que essas ideias refletem diretamente os valores patriarcais de uma época e contribuem para a perpetuação de desigualdades, ao invés de oferecer uma análise mais crítica e interseccional das dinâmicas de poder entre os gêneros. Para ela, essas teorias criaram uma "mística científica" que reforça estereótipos e limita as possibilidades de emancipação das mulheres. No entanto, Saffioti também ressalta que, em mãos críticas, a psicanálise pode ser utilizada para desconstruir os esses mitos que ajudou a criar, a partir de uma perspectiva que leve em conta a materialidade das relações de classe, gênero e raça. Ela destaca que:

"A tentativa de Freud de buscar nos fatores anatômicos a explicação dos traços psicológicos da mulher acabou por conduzir à mesma conclusão, errônea e desfavorável à mulher, a que os mitos construídos a partir da biologia haviam levado: o destino da mulher está impresso em sua anatomia". (SAFFIOTI, 2013, p. 404).

Dentre as diferentes disciplinas científicas, incluindo a antropologia, Heleieth Saffioti aborda como o avanço da ciência e a ideia da "mística feminina" foi construída, muitas vezes com um viés negativo, associando as mulheres à irracionalidade, à emocionalidade excessiva, e à ideia de uma natureza destinada à submissão. A ciência, nesse contexto, não só naturalizou a desigualdade entre os gêneros, mas também produziu discursos que reforçavam os papéis tradicionais das mulheres como cuidadoras, donas de casa e, muitas vezes, como seres passivos e dependentes reforçando na contribuição para a construção e manutenção de ideologias patriarcais que subordinam as mulheres. A autora critica a forma como, historicamente, a antropologia muitas vezes reforçou estereótipos de gênero, ao naturalizar papéis sociais baseados em diferenças biológicas entre homens e mulheres, destacando também a crítica como a antropologia perpetuou visões eurocêntricas que desconsideraram as especificidades culturais de sociedades não ocidentais. Muitas vezes, essas análises reproduziam preconceitos que justificavam a subordinação feminina sob o pretexto de "primitivismo".

Saffioti defende que, para compreender as desigualdades de gênero, é necessário superar as explicações essencialistas e biológicas e adotar uma abordagem materialista e histórica. Isso implica considerar como as relações de gênero são



moldadas por estruturas econômicas e sociais, como o capitalismo, em vez de vê-las como reflexos de uma "natureza humana" fixa.

Saffioti seguindo no âmbito da antropologia demonstra o trabalho de Margareth Mead, que a partir do prisma cultural estudou a sociedade norte-americana, para ela essa análise simplesmente do ponto de vista cultural não seria suficiente para o “desvendamento das relações sociais e das estruturas que as determinam, da dinâmica das estruturas parciais e de seu padrão de integração; das potencialidades da práxis no que tange ao destroçamento e à construção de novas estruturas” (p.448).

Na obra "*A Mulher na Sociedade de Classe: Mito e Realidade*", Saffioti apresenta desfechos que consolidam sua análise sobre a opressão das mulheres e propõem caminhos para superá-la, ela conclui que a opressão das mulheres está profundamente enraizada nas estruturas patriarcais e capitalistas e que essas duas forças se reforçam mutuamente. O patriarcado cria e perpetua desigualdades de gênero quando naturaliza papéis subordinados para as mulheres e o capitalismo se beneficia dessas desigualdades ao explorar o trabalho doméstico não remunerado e a força de trabalho feminina que geralmente é barateada.

Ao analisar as explicações biológicas e essencialistas das desigualdades de gênero ela reforça que essas explicações são insuficientes e servem apenas para manter o status quo, ao invés disso ela defende uma análise materialista considerando o impacto histórico e econômico das relações de poder na construção dessas diferenças de gênero. Ela traz a necessidade e a importância dos movimentos feministas ao mesmo tempo criticando a fragmentação do feminismo e ressaltando que apenas uma luta unificada e inclusiva pode enfrentar as diversas formas de opressão vividas pelas mulheres e que a emancipação das mulheres está ligada à luta através do fortalecimento desses movimentos por uma transformação radical da sociedade. Essa transformação exige mudanças estruturais, como a valorização do trabalho doméstico, o fim da exploração no mercado de trabalho e a desconstrução de ideologias patriarcais.

Saffioti nos lembra de concretizar a importância da educação para conscientizar e empoderar as mulheres, ajudando-as a reconhecer e combater os mecanismos de opressão que as afetam. No entanto, a educação sozinha não é suficiente, sendo necessário combinar essa estratégia com mudanças econômicas e sociais. A emancipação das mulheres depende de uma luta ampla e interseccional que

desafie tanto o patriarcado quanto o capitalismo. Essa obra vem a oferecer ferramentas para entender as raízes das desigualdades de gênero e apontam para a necessidade de ações coletivas e transformadoras e consolida sua contribuição pioneira para o feminismo marxista e para os estudos de gênero no Brasil.

### **Violência de Gênero e a Subordinação Feminina.**

Com uma abordagem interdisciplinar e estrutural a autora busca empregar a compreensão das dinâmicas da opressão para situar o leitor em uma de suas obras como em *“Gênero, Patriarcado e Violência”*, ela apresenta um cenário crítico sobre as relações de gênero, patriarcado e violência demonstrando que esses três conceitos estão profundamente conectados na sociedade contemporânea. A violência vivida pelas mulheres são práticas estruturalmente e universalmente enraizadas com brutalidade através da manifestação direta do poder patriarcal usada para manter as mulheres em posições subordinadas e essas violências não são acidentais ou excepcionais, mas sim sistemáticas e cotidianas, ou seja, ela entende a violência não apenas como atos isolados ou pontuais (como uma briga ou um crime), mas como parte de um contexto social mais amplo, no contexto de violência doméstica em uma pesquisa realizada por Saffioti entre 1988 a 1992 seu resultado foi de maioria esmagadora de violências domésticas cometidas por homens, sejam eles pais ou padrastos no contexto de casais se separando e admitindo novos relacionamentos concluiu se que essa violência ainda persistiram em tempos atuais destacando que: “O pai continua sendo o grande vilão, devorando sua própria prole constituindo esse fato uma agravante tanto penal quanto psicológica.”(SAFFIOTI 2015, p.21).

As mulheres enfrentam várias formas de violência como expressão do patriarcado violências essas, expressada por ela como “A Realidade Nua e Crua” divide-se em violência física como agressões corporais e feminicídios, psicológica, sujeitando as mulheres com humilhação, isolamento e controle, econômica, imposta como a dependência financeira e também simbólica fazendo uma naturalização da inferioridade das mulheres na cultura e nas instituições demonstrando como a sociedade muitas vezes justifica ou minimiza a violência contra as mulheres, criando uma falsa percepção de que essas práticas são "normais" ou "inevitáveis" dentro das relações de gênero e indo muito mais além, são intensificadas por outros marcadores sociais, como

raça, classe, e orientação sexual. Mulheres negras, pobres, enfrentam níveis ainda mais extremos de opressão. As mulheres negras, por exemplo, enfrentam opressões tanto de gênero quanto de raça, sendo relegadas aos espaços mais precarizados da sociedade, a exemplo sobre a questão dos homens negros e suas escolhas conjugais, a autora reflete como o racismo e os ideais de branquitude moldam as preferências afetivas e reforçam hierarquias raciais. Essa preferência por mulheres brancas é entendida como uma tentativa de ascensão social ou de conformidade com padrões impostos pela sociedade racista, deixando as mulheres negras em uma posição de exclusão ainda mais severa, pois, (...) “ se eles são socialmente inferiores elas ( mulheres brancas) em razão da sua pele e da textura de seus cabelos , elas são inferiores a eles na ordem patriarcal de gênero.” ( SAFFIOTI, 2015, p. 32).

A divisão tradicional entre os espaços público e privado e perpetua as desigualdades de gênero. As mulheres, especialmente as brasileiras, são constantemente associadas ao espaço privado, ou seja, à esfera doméstica e aos cuidados familiares, enquanto os homens são historicamente vinculados ao espaço público, dominado pela política, economia e outras esferas de poder. Ao argumentar que, mesmo quando as mulheres ocupam o espaço público, como no mercado de trabalho ou na política, por exemplo, Saffioti enfatiza que elas continuam a ser afetadas pelas imposições sociais relacionadas ao seu papel de cuidadoras e donas de casa o que vai resultar na "dupla jornada" de trabalho, onde elas têm que conciliar suas responsabilidades profissionais com o trabalho doméstico, sem o devido reconhecimento nem compensação reforçando que essa divisão não é apenas uma questão de prática social, mas uma construção cultural que fortalece ainda mais a subordinação feminina. Nesse contexto que a Fundação Perseu Abramo com o Título “*A mulher Brasileira nos espaços Públicos e Privados*” elaborou um trabalho de campo coletando informações de todo o país em opiniões das mulheres sobre a violência de gênero com a pergunta “*Como é ser mulher hoje?*” e as respostas da maioria foi exatamente a perpetuação da subordinação feminina em nossa sociedade. Saffioti enfatiza: “Isto revela a necessidade de tornar ainda mais visíveis as mais modalidades de violências praticadas contra mulheres, em especial a violência doméstica” (SAFFIOTI 2015, p.46). Além disso, essas dinâmicas variam conforme a classe social e a raça. As mulheres negras e de classes populares enfrentam opressões adicionais, como a precarização do trabalho e a exclusão das esferas mais prestigiadas da sociedade, tanto no setor público quanto no privado.

O conceito de gênero é construído socialmente e historicamente. Ela argumenta que o gênero não é uma categoria biológica, mas uma construção social que reflete e perpetua relações de poder desiguais entre os sexos. Saffioti explica que, ao contrário do que muitos podem acreditar, as diferenças de gênero não são naturais, mas sim criadas e reforçadas pelas estruturas sociais e culturais.

Ela destaca que a construção de gênero é fundamental para entender as desigualdades entre homens e mulheres, pois o patriarcado, enquanto sistema de poder, estabelece papéis e funções que são atribuídos às pessoas com base no seu sexo (...)” como o próprio nome indica, é o regime da dominação- exploração das mulheres pelos homens.” (Saffioti, 2015, p. 47) ou seja, esse sistema patriarcal reforça a ideia de que as mulheres são subordinadas aos homens. O conceito de gênero, segundo Saffioti, está, portanto, intimamente ligado às estruturas de poder, sendo um dos principais mecanismos de controle social.

Heleieth Saffioti aborda de forma crítica a violência doméstica, discutindo como ela é uma expressão da opressão patriarcal e das estruturas de poder desiguais que caracterizam a sociedade. A metáfora do "galinheiro" é utilizada por Saffioti para descrever a lógica da violência no ambiente familiar, onde a mulher é tratada como uma "propriedade" dentro de um espaço privado e restrito, onde as dinâmicas de controle e submissão são institucionalizadas e ilustra as relações de poder dentro de uma estrutura hierárquica, muito similar ao patriarcado. Ela explica como o galo exerce poder sobre as galinhas, com um sistema de hierarquia de "bicadas", onde cada galinha tem um papel submisso ou dominante sobre as outras, com o galo no topo da hierarquia. No caso dos seres humanos, a relação de posse não é apenas geográfica (como no galinheiro), mas também simbólica, no sentido de que o homem exerce domínio sobre as mulheres, crianças, e outras categorias sociais vulneráveis, como uma extensão do controle cultural e social. Assim, a diferença entre os galináceos e os humanos reside na capacidade de simbolizar e criar culturas, que estabelecem e reforçam as hierarquias e a dominação masculina sobre as mulheres.

### **A atualidade da autora.**

A tese central do artigo de Luísa Neis Ribeiro e Luana Renostro Heinen, destaca que a teorização neoliberal do *homo oeconomicus*, ao generalizar este conceito para todas as esferas sociais, não só obscurece a dependência do empreendedor de si

mesmo em relação às mulheres, responsáveis pelo trabalho doméstico, pelo cuidado e, frequentemente, pela composição do orçamento familiar, como também naturaliza a subordinação feminina. Nesse contexto, a subordinação é apresentada como um efeito da natureza e não do poder. A análise do neoliberalismo, fundamentada na perspectiva de totalidade, rejeita a separação artificial entre aspectos culturais, ideológicos e materiais, reconhecendo que todos estão interconectados. As autoras ressaltam que o patriarcado não é apenas um sistema sociopolítico-ideológico, mas também possui uma dimensão econômica significativa, conforme defendido por Heleieth Saffioti. Além disso, o artigo aborda a divergência entre diferentes correntes do feminismo quanto à relação entre capitalismo e patriarcado. Enquanto algumas teóricas consideram ambos como sistemas autônomos, outras, como as autoras, adotam a perspectiva de que capitalismo e patriarcado estão imbricados de maneira intrínseca, formando um único modo de produção e reprodução da vida, no qual as opressões de gênero e classe não se reproduzem mecanicamente, mas interagem de forma complexa.

As autoras, em acordo com Soffiatti, defendem uma abordagem "unitária" ao considerarem que o capitalismo e o patriarcado estão profundamente entrelaçados. Em vez de ver o capitalismo apenas como um conjunto de leis econômicas, elas o entendem como uma ordem social complexa e interconectada, com seu cerne constituído por relações de exploração, dominação e alienação (ARRUZZA, 2015, p. 38).

Atualmente, a discriminação de gênero no mercado de trabalho persiste, enquanto as tarefas domésticas continuam sendo atribuídas às mulheres como algo natural. Segundo dados do IBGE de 2019, as mulheres brasileiras dedicam o dobro de tempo ao trabalho doméstico e de cuidado, sendo responsáveis por 85% dessa carga. Globalmente, de acordo com um relatório da Oxfam, as mulheres são responsáveis por 75% do trabalho de cuidado não remunerado, o que representa um valor estimado de 10 trilhões de dólares por ano – cerca de três vezes o lucro da indústria tecnológica. Além disso, mulheres que também atuam no mercado de trabalho, em média, cumprem 8 horas a mais de obrigações domésticas em comparação aos homens (DIAS, 2021).

Como destacam as autoras:

(...), a ética neoliberal, ao estimular a conduta humana à semelhança de uma empresa (“o empreendedor de si”), afasta a possibilidade de colaboração na esfera doméstica e acaba por reforçar o destino

“natural” feminino. O resultado é que a serva de seu marido não pode ser empreendedora de si. (RIBEIRO, HEINEN, p.70)

Ribeiro, Heinen, destacam que a questão do cuidado e do trabalho doméstico adquire uma dimensão ainda mais complexa quando se considera a situação das empregadas domésticas, em sua maioria mulheres negras. Com um forte legado histórico ligado à escravidão, essas trabalhadoras, que já enfrentam múltiplas responsabilidades domésticas em seus próprios aspectos, estão expostas a altos níveis de exploração e têm acesso restrito a direitos. No Brasil, embora a Lei das Domésticas, aprovada em 2015, tenha garantido esses direitos, como o acesso ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), quase três anos após a implementação da lei, 70% das trabalhadoras domésticas ainda estão em condições informais de trabalho. A desvalorização histórica do papel social da mulher, associada à acumulação primitiva de capital (FEDERICI, 2017), continua a se refletir na organização das relações de gênero, sendo radicalizada pelo neoliberalismo, que acentua a divisão entre as esferas de reprodução (associada à mulher) e produção (associada ao homem). No entanto, Davis (2016) sugere que as forças produtivas atuais oferecem uma oportunidade para transformar radicalmente a natureza das atividades domésticas, o que poderia, em nosso entendimento, iniciar a desconstrução dessa clivagem histórica entre trabalho produtivo e reprodutivo.

No contexto neoliberal atual, a forte ênfase no individualismo tem levado até mesmo parte do feminismo a adotar a ideia de libertação individual, promovendo uma versão feminina do *empreendedor de si*. Para romper com essa perspectiva, Ribeiro e Heinen propõem a valorização da socialização do trabalho doméstico e de cuidado como uma condição essencial para a emancipação feminina, argumentando que a luta das mulheres envolve, fundamentalmente, a rejeição do sujeito ético ideal do neoliberalismo. A vida em coletividade, sustentam as autoras, é impossível sem a responsabilidade coletiva pelas tarefas de cuidado e pelo trabalho doméstico. Nesse contexto, a proposta de Angela Davis (2016) de industrializar o trabalho doméstico é vista como uma via importante para a emancipação, embora ainda dependa de superar obstáculos estruturais, como a lógica do lucro. Assim, Ribeiro e Heinen enfatizam a necessidade de tratar coletivamente o trabalho doméstico e de cuidado como uma responsabilidade social compartilhada por todos. Um dos maiores desafios nesse processo é romper com a ética neoliberal, cuja ideologia oculta a esfera reprodutiva que sustenta a formação do sujeito autônomo e individualiza excessivamente sucessos,

fracassos e direitos. Além disso, é crucial que as políticas públicas abordem as questões feministas de forma substancial, promovendo a socialização do trabalho de cuidado e doméstico através de iniciativas como a universalização de creches públicas e a consolidação de programas de assistência social, proteção e previdência, para uma efetiva libertação da mulher.

## **Conclusão**

Este trabalho destacou o impacto teórico e prático de Heleieth Saffioti na compreensão das dinâmicas de gênero, classe e raça na sociedade brasileira. Suas contribuições, fundamentadas em uma abordagem interseccional e materialista histórica que desafiaram paradigmas dominantes continuam a oferecer um fundamento sólido para análises contemporâneas sobre as desigualdades estruturais e a opressão de gênero. Saffioti demonstrou que o patriarcado e o capitalismo formam um sistema em que estão profundamente entrelaçados, que perpetua a exploração das mulheres tanto no trabalho doméstico não remunerado quanto no mercado de trabalho de forma precarizada. Ao evidenciar as diversas formas de violência de gênero como uma manifestação estrutural e cotidiana, ela demonstrou que as relações de poder moldam e sustentam as desigualdades na sociedade, e não podem ser compreendidas isoladamente.

Sua produção acadêmica influenciou políticas públicas e movimentos sociais feministas, resultando em um impacto social e político de grande relevância, dando um destaque a necessidade de uma luta integrada contra as opressões estruturais, mantendo uma relevância na capacidade de dialogar com debates atuais na promoção de estratégias de emancipação feminina. Portanto, estudar a obra de Saffioti é um convite à ação crítica, transformadora que inspira a necessidade de uma luta ampla e unificada de todos os setores sociais que de alguma forma são atingidos por essa opressão sistemática seu legado reafirma a importância de estabelecer uma sociedade que promova o papel central da coletividade e da justiça social na construção mais igualitária. Que sua obra continue sendo motivação para aqueles que buscam compreender e superar as desigualdades em suas diversas formas.

## BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S. A mulher na sociedade de classes: inspirações e impactos internacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, e71394, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n171394>.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.

PINTO, C. R. J. SAFFIOTI REVISITADA: a atualidade do enfrentamento entre feminismo e capitalismo. **Caderno CRH**, v. 33, e020026, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.37977>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 3.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

MOTTA, Daniele Cordeiro. A contribuição de Heleieth Saffioti para a análise do Brasil: gênero importa para a formação social?. **Caderno CRH**, v. 33, e020027, 2020.

MOTTA, Daniele Cordeiro; BEZERRA, Eliane Maria. A força de Heleieth Saffioti 50 anos depois. *Revista Estudos Feministas*, v. 29, n. 1, e76777, 2021.

FILHO, Clóvis de Barros; KUPSTAS, Marcia. *Violência em Debate*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997. 160 p. ISBN 978-8516016319.

FALQUET, Jules; MANO, Maíra Kubík; GONÇALVES, Renata. 50 ANOS DE A MULHER NA SOCIEDADE DE CLASSES: o pioneirismo de Heleieth Saffioti e suas contribuições teóricas para os estudos feministas e de gênero. **Caderno CRH**, v. 33, p. e020025, 2020.

RIBEIRO, Luísa Neis; HEINEN, Luana Renostro. Para uma crítica feminista ao neoliberalismo: a socialização do trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, v. 10, n. 1, p. 52-79, 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. *Entrevista com Heleieth Saffioti*. Entrevistadoras: Juliana Cavilha Mendes e Simone Becker. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 143-165, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38118774012>

CARNEIRO T, MANO MK. PRÁXIS FEMINISTA: a presença de Heleieth Saffioti nos estudos e nas lutas no Brasil. *Cad CRH* [Internet]. 2020;33:e020028. Available from: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v33i0.37757>

CARNEIRO, Suellen Iaskevitz. Violência de gênero sob a perspectiva de Heleieth Saffioti. *RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 1-15, set./dez. 2023. DOI: 10.51473/ed.al.v3i2.819. Submissão: 06 jan. 2024. Aceito: 08 jan. 2024. Publicação: 10 jan. 2024. Disponível em: <https://www.revistas.rcmos.org.br>

GONÇALVES, R. Trinta anos do I Encontro Nacional de Mulheres Negras: uma articulação de gênero, raça e classe. *Lutas Sociais*, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 09–22, 2019. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46646. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46646>.